

BIOECONOMIA E ANCESTRALIDADE: O PROTAGONISMO FEMININO NA FEIRA DE EMPREENDEDORISMO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE TRINDADE III, BAIXO ACARÁ, PARÁ

Wanessa Dias Fonseca[1]
Evelyn Suzana Bouth Lopes[2]
Silva Leticia da Costa Azevedo[3]
Beatriz Rodrigues Teixeira de Jesus[4]
Bruna dos Santos Miranda[5]
Allexa Nettyelle Cavalcante Macedo[6]
Ana Sophia Moura Miranda[7]
Joyce Luana da Silva Puget[8]
Ian Delucas Souza Favacho[9]
Geane Yasmim da Silva[10]

Resumo

Este trabalho analisa a feira de mulheres empreendedoras da comunidade quilombola Trindade III, localizada no Baixo Acará, Pará, como uma estratégia de bioeconomia e fortalecimento social. A iniciativa promove a comercialização de produtos sustentáveis, como bijuterias de caroço de açaí e tucumã, além de alimentos orgânicos. A metodologia consistiu em um relato de experiência baseado na vivência em território quilombola. Os resultados indicam que a feira

[1] Graduanda em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (wanessadufra@gmail.com).
[2] Graduanda em ENGENHARIA AMBIENTAL E ENERGIAS RENOVÁVEIS, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (evelynbouth@gmail.com).
3 Graduanda em ENGENHARIA FLORESTAL, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (Silvia.azevedo@discente.ufra.edu.br).
[4] Graduanda em AGRONOMIA, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (beatrizrodrigues17jesus@gmail.com).
[5] Graduanda em Zootecnia, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (bruna.miranda500@gmail.com).
[6] Graduanda em ENGENHARIA AMBIENTAL E ENERGIAS RENOVÁVEIS, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (allexamacedo14@gmail.com).
[7] Graduanda em ENGENHARIA FLORESTAL, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (ana3345689@gmail.com).
[8] Graduanda em ENGENHARIA FLORESTAL, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (joyceluana2202@gmail.com).
[9] Graduando em AGRONOMIA, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (favachoian@gmail.com).
[10] Graduanda em AGRONOMIA, Universidade FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA (geane.silva@discente.ufra.edu.br).

atua como ferramenta de autonomia financeira e preservação cultural. Conclui-se que o apoio ao empreendedorismo feminino quilombola é essencial para o desenvolvimento sustentável da Amazônia

Palavras-chave: Bioeconomia; Quilombola; Empreendedorismo Feminino; Baixo Acará.

Abstract

This study analyzes the fair of women entrepreneurs in the Trindade III quilombola community, located in Baixo Acará, Pará, as a strategy for bioeconomy and social strengthening. The initiative promotes the commercialization of sustainable products, such as jewelry made from acai and tucumã seeds, as well as organic foods. The methodology consisted of an experience report based on living in a quilombola territory. The results indicate that the fair acts as a tool for financial autonomy and cultural preservation. It is concluded that supporting quilombola female entrepreneurship is essential for the sustainable development of the Amazon.

Palavras-chave: Bioeconomy; Quilombo; Female entrepreneurship; Baixo Acará.

INTRODUÇÃO

A Amazônia paraense é composta por um mosaico de territórios onde a vida pulsa no ritmo das águas e das florestas. No município do Acará, especificamente na região do Baixo Acará, a comunidade quilombola Trindade III representa um ponto de resistência e vitalidade cultural. Ser quilombola nesta região significa manter viva uma relação intrínseca com a natureza, onde cada semente, fruto ou fibra possui um valor que ultrapassa o financeiro, alcançando o campo do sagrado e da ancestralidade. Neste cenário, as mulheres surgem como figuras centrais de transformação. A feira de mulheres empreendedoras de Trindade III não é apenas um evento comercial; é a materialização de uma luta histórica por visibilidade e sustento. Este trabalho busca relatar a experiência de observar e participar desse movimento, onde o conhecimento da Biologia se encontra com a prática cotidiana de quem faz da floresta o seu sustento. A relevância deste relato reside na necessidade de mostrar que a bioeconomia na Amazônia já existe e é liderada por essas comunidades. Além disso, a análise dessa feira revela uma perfeita consonância com a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, materializando

localmente diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O evento evidencia o cumprimento prático do ODS 5 (Igualdade de Gênero) ao colocar as mulheres quilombolas no centro da gestão econômica, enquanto as práticas de cultivo e comercialização de alimentos limpos e tradicionais fortalecem o ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável). Por fim, essa dinâmica de comercialização justa e solidária impulsiona o ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico), provando que a bioeconomia baseada na ancestralidade é um modelo viável de geração de renda que respeita os limites ecológicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação deste relato baseia-se na Geopolítica da Amazônia, conforme discutido por Bertha Becker. A autora argumenta que o desenvolvimento da região deve focar na "floresta em pé", o que exige agregar valor aos produtos naturais. Na comunidade Trindade III, isso é visto na transformação do caroço de açaí e tucumã em adornos e biojoias.

Outro pilar importante é o conceito de Afroempreendedorismo e economia solidária. Segundo Silva (2024), o empreendedorismo quilombola é fundamentado na coletividade e na identidade. Não se trata apenas de "vender um produto", mas de transmitir uma história e fortalecer a comunidade. A Cartografia Social, discutida por autores como Bargas (2015), também reforça que o território quilombola é definido pelas práticas de quem nele vive, transformando o espaço da feira em um território de afirmação política e cultural frente aos desafios da globalização.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A vivência na comunidade quilombola Trindade III, situada no Baixo Acará, permite observar uma dinâmica de trabalho que une o sustento da casa à preservação do território. A Feira de Mulheres Empreendedoras da comunidade é o ponto alto dessa organização. Ao circular pelas bancas, o que se observa é uma vitrine da biodiversidade amazônica transformada em produtos de alto valor agregado e beleza estética.

Um dos pilares da feira é o artesanato de biojoias. O que em muitos lugares é considerado resíduo, como o caroço do açaí após a batida do fruto, nas mãos das artesãs de Trindade III ganha novas cores e formas. Além do açaí, sementes de tucumã e coco são lixadas e trabalhadas

para a criação de pulseiras, colares e brincos que carregam a identidade do quilombo. A experiência de acompanhar essa feira revela também a produção de bolsas tecidas e acessórios que utilizam elementos da floresta, demonstrando uma criatividade que nasce da necessidade e do profundo conhecimento dos materiais naturais disponíveis.

No setor de alimentação, a feira apresenta uma variedade de produtos orgânicos colhidos nos quintais e roças das próprias famílias. São frutas, hortaliças e derivados, como doces artesanais e comidas típicas que mantêm vivos os sabores da culinária quilombola. O ambiente da feira é marcado pela colaboração: as mulheres se organizam para montar as estruturas, organizar a exposição dos produtos e criar um espaço acolhedor tanto para os moradores quanto para os visitantes. É um espaço de troca de saberes, onde a produção agrícola se mistura com a arte manual, criando uma rede de economia solidária que movimenta a comunidade.

O uso das redes sociais, especialmente o Instagram, configura-se como uma vitrine digital para a Feira de Mulheres Empreendedoras da Trindade III. Através dessas plataformas, as produtoras conseguem romper as barreiras geográficas do Baixo Acará, divulgando a estética de seus produtos e a riqueza da produção orgânica para além do território quilombola. Como observado nas imagens retiradas da rede social oficial do coletivo (Figura 1 e Figura 2), há um cuidado visual que valoriza a identidade afro-paraense, atraindo consumidores e fortalecendo a marca coletiva dessas mulheres.

Figura1: Exposição de artesanatos produzidos
Pelas mulheres da comunidade Trindade III



Fonte: Instagram @Mulheres_empreendedoras

Figura 2: Produtos orgânicos e gastronomia
Quilombola na feira de mulheres Empreendedoras



Fonte: Instagram @Mulheres_empreendedoras

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

A análise da feira em Trindade III revela que o empreendedorismo quilombola é, essencialmente, um modelo de Bioeconomia Prática. Enquanto grandes conferências discutem o uso sustentável da Amazônia, as mulheres do Baixo Acará já o executam ao verticalizar a produção de sementes. A transformação do caroço de açaí e tucumã em bijuterias é um exemplo claro de economia circular, onde o ciclo do recurso natural é fechado dentro da própria comunidade, gerando renda sem a necessidade de desmatamento ou uso de químicos pesados.

Outro ponto crucial para análise é o papel da feira como ferramenta de autonomia. Para muitas mulheres de Trindade III, a comercialização desses produtos orgânicos e artesanais representa a principal fonte de renda própria, o que fortalece sua posição dentro da estrutura familiar e social. Entretanto, observa-se que o potencial de crescimento desses negócios ainda esbarra em gargalos logísticos. A distância entre o Baixo Acará e os centros de consumo maiores exige uma organização coletiva muito forte para que os produtos cheguem ao mercado com preço justo, evitando a figura do atravessador que diminui o lucro das produtoras.

A experiência demonstra que o sucesso da feira reside na união dessas empreendedoras. Elas conseguem transformar a dificuldade de acesso e a falta de investimentos em uma vitrine de resistência cultural. O fato de venderem produtos orgânicos também coloca a comunidade na vanguarda da segurança alimentar, oferecendo alimentos livres de agrotóxicos em uma região muitas vezes cercada por grandes monocultivos. Portanto, o empreendedorismo quilombola em Trindade III não é apenas "negócio", é a preservação da vida e da história através da economia.

CONCLUSÕES

A análise da experiência na feira de mulheres empreendedoras da comunidade quilombola Trindade III permite concluir que o fortalecimento de iniciativas locais é o caminho mais eficaz para um desenvolvimento regional que seja, de fato, sustentável e justo. A vivência demonstrou que a bioeconomia não é um conceito abstrato ou restrito aos laboratórios acadêmicos, mas uma prática quotidiana dessas mulheres que, ao transformarem sementes de açaí, tucumã e coco em adornos e ao cultivarem alimentos orgânicos, protegem a floresta e garantem o sustento das suas famílias.

Ficou evidente que o protagonismo feminino é o motor desta economia solidária no Baixo Acará. A feira vai além do aspeto financeiro; ela funciona como um espaço de resistência cultural e de afirmação da identidade quilombola. Através da comercialização direta de produtos orgânicos, bolsas e artesanatos, a comunidade exerce a sua soberania alimentar e territorial, reduzindo a dependência de mercados externos que muitas vezes desvalorizam o trabalho tradicional através da figura do atravessador.

No entanto, para que este modelo de sucesso possa ser expandido e fortalecido, é necessário enfrentar os desafios logísticos e de infraestrutura que ainda dificultam o escoamento da produção para além dos limites do território. A integração entre o saber científico da Biologia e o conhecimento ancestral das comunidades quilombolas devem ser incentivada, não para substituir a tradição, mas para oferecer ferramentas que potencializem a durabilidade e a visibilidade dos produtos.

Em suma, a Trindade III ensina que o futuro da Amazônia depende do reconhecimento dos direitos territoriais e da valorização do "fazer" quilombola. O empreendedorismo feminino

nestes territórios é uma tecnologia social de impacto real, capaz de aliar preservação ambiental, justiça histórica e prosperidade económica. É fundamental que instituições e políticas públicas olhem para estas feiras não como eventos isolados, mas como modelos de desenvolvimento que devem ser respeitados, protegidos e replicados como estratégia de resiliência e autonomia para os povos da Amazônia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Nova Cartografia Social da Amazônia: Quilombolas da Ilha de Marajó, Pará. Fascículo 7. Belém: PNCSA/UEPA, 2006.

BARGAS, Janine de Kássia Rocha; CARDOSO, Luís Fernando Cardoso e. Cartografia social e organização política das comunidades remanescentes de quilombos de Salvaterra, Marajó, Pará, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 10, n. 2, p. 469-488, maio/ago. 2015.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. Estudos Avançados, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.

INSTAGRAM. @PerfilDasMulheresEmpreendedoras. [Fotos das bancas e bolsas da Feira de Trindade III]. Disponível em: [https://www.instagram.com/mulheres_empreendedoras_t.3?igsh=MXVkbTdxcnBzbGFsNw==]. Acesso em: 20 mar. 2026.

SILVA, André Luiz Gomes da; MACÊDO, Alice Costa. Formação em afroempreendedorismo feminino e quilombola. Revista Caderno Pedagógico, Curitiba, v. 22, n. 8, p. 01-26, 2025.